

[ENTREVISTA]: FILOSOFIA DA LINGUAGEM E RESPONSABILIDADE SEMIÓTICA: ENTREVISTA COM AUGUSTO PONZIO¹

Marisol Barenco de Mello²
Universidade Federal Fluminense

Em 16 de fevereiro de 2023 eu fui a Bari, em nome da equipe editorial do Dossiê da Revista Porto das Letras, intitulado *Leituras discursivas: abordagens múltiplas dos usos significativos das linguagens*, composto por mim, Marisol Barenco de Mello, Carlos Alberto Turati e Thiago Barbosa Soares. Fui ao encontro de um dos grandes mestres da Filosofia da Linguagem italianos, o professor Augusto Ponzio, profundo estudioso de autores como Emmanuel Levinas, Maurice Blanchot, Roland Barthes, Mikhail Bakhtin, Ferruccio Rossi-Landi, Thomas Sebeok, dentre tantos outros. Nossa intenção, ao realizar essa entrevista, era poder iniciar o Dossiê de Leituras Discursivas com um marco teórico importante: a ampliação em muitas linguagens do conceito de ‘discurso’, para além do discurso verbal, bem como trazer para a discussão contemporânea dos estudos discursivos a perspectiva filosófica que o professor Ponzio defende, visando uma tomada de posição menos setorial e mais global, como ele mesmo vai apresentar na nossa conversa.

Cheguei à Università degli Studi di Bari, no Dipartimento di Lettere, onde o professor Augusto Ponzio e a professora Susan Petrilli compartilham um gabinete por volta das 16h. Na ampla sala, coberta de estantes de livros em todo o seu perímetro, uma grande mesa ao centro estava preparada, com cópias de nossas conversas por e-mail e telefone e com uma linha de livros, todos de sua autoria e publicados nos anos de 2022 e 2023, que ao final da conversa me presenteou. Nas paredes, cartazes de eventos onde os professores receberam pessoalmente os autores que hoje são nossas referências, e desenhos e pinturas, muitos feitos pelo professor Ponzio e seu filho, Luciano Ponzio. No teto, uma cascata de plantas, aqui no Brasil conhecidas como ‘jiboias’ terminavam

¹ Professor Ordinario de Filosofia e Teoria dei Linguaggi; Professor Emérito na Universidade degli Studi di Bari, Itália.

² Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ); professora associada da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: sol.barenco@gmail.com.

de compor esse universo particular: o local de trabalho do autor da Filosofia da Linguagem da Escola de Bari, como seus alunos e discípulos o chamam.

Enquanto aguardávamos a chegada de Susan Petrilli, iniciamos a conversa. Crítico das Semióticas setoriais desengajadas de uma base filosófica geral, Augusto Ponzio me contava das muitas perspectivas teóricas que ele visitou, estudou, traduziu e hoje divulga, na Itália, Europa em geral, Rússia e Estados Unidos, e particularmente me contou sobre Umberto Eco, um dos grandes nomes da Semiótica, e que denunciava, já nos anos 1970, o perigo de perspectivas de leituras discursivas que prescindem de uma base filosófica forte e geral, que se preocupe com a vida no planeta, em todas as suas dimensões. Contava ainda que Umberto Eco desenvolveu, durante um período, na Itália, uma coluna jornalística sobre a Semiótica, que se chamou *La bustina di Minerva*, ou A caixinha de Minerva. Apesar de escrever sobre diversos e multivariados pequenos temas, o conjunto de seus apontamentos remonta a uma sólida base filosófica, uma das raízes da Semiótica italiana. Assim, já de partida filosofando e ensinando, iniciamos a entrevista, com a chegada de Susan Petrilli. As questões que partilhamos, de partida, foram respondidas em forma de diálogo, inclusive entre eles, e aqui abaixo as apresento para que possamos compartilhar do ponto de partida dessa conversa. O tom de conversa – pleno de risos, de pausas, de gestos e tonalidades – foi mantido, na transcrição, que fiz da gravação de voz para o italiano, e posteriormente do italiano ao português, em uma tradução viva, nos dias seguintes da conversa, portanto mantendo a memória da intercorporeidade vivida.

Como as ‘jiboias’ do gabinete amplo da via Garruti, nos lançamos a traduzir suas palavras em fonte de estudos e pesquisas vindouras, buscando compreender o campo da leitura e do discurso como Filosofia Global, respondente e responsável por fazer a vida estar bem.

Questões: Esta é uma edição da revista Porto das Letras sobre leituras discursivas, e gostaríamos de discutir a possibilidade de leitura de linguagens diversas, indo além da tradicional leitura da semiótica do texto verbal ou análise de discurso verbal. Entendemos que além do discurso verbal, há tantas outras linguagens na cultura, no interior das línguas, e que cada uma das linguagens é uma fenda específica para ver o mundo, mas parece que o campo do discurso vem por muito tempo reduzindo essas linguagens à verbal, para poder empreender a leitura. Como vê esse problema?

Historicamente, a semiótica esteve a serviço da vida, mas parece que se especializou como um ramo dentro da Linguística. Pode nos contar essa história?

Quais os desafios contemporâneos para o campo da leitura, da semiótica e da filosofia da linguagem que se pretenda mais abrangente e ética? Em muitos de seus trabalhos, por décadas você tem feito abordagens reflexivas e críticas das crises sociais contemporâneas. Você acha que o campo da leitura, em sua diversidade de abordagens e de modo geral, tem contribuído efetivamente na atualidade para a crítica e o enfrentamento aos problemas sociais com que o mundo tem sofrido, principalmente pensando nos grupos humanos mais vulneráveis e nas questões ambientais?

Augusto Ponzio: Umberto Eco (1984) era originariamente um jornalista, e escrevia em um jornal, com uma coluna assinada que chamou de ‘A caixinha de Minerva’. Os Minerva são fósforos de madeira com a cabeça colorida, que tinham uma espécie de caixinha, onde tu poderias também escrever, um endereço, um telefone. Ele inventa essa rubrica, no sentido que aquilo que ele publica são os apontamentos que ele tomou na caixinha de Minerva. Nessa coluna ele se ocupa das coisas mais particulares, portanto, faz a Semiótica da comida, faz a Semiótica da diferença entre ir ao banheiro em Paris e ir ao banheiro em Roma, com as diferenças entre as peças etc. Todavia, logo depois do ano de 1989, é derrubado o muro de Berlim, está terminando a União Soviética, o Socialismo Soviético, e ele escreve uma ‘Caixinha de Minerva’ sobre a migração, e distingue a emigração, que é a passagem de pessoas que vão da Itália à América, à Austrália etc., porém tudo preciso, tudo ajustado, tudo programado: ‘queremos vinte e cinco italianos do sexo masculino, e vinte e duas italianas do sexo feminino’. Portanto, isso se chama emigração. Eco (1984) inventa, usa, diz pela primeira vez a palavra ‘migração’, que é, ao contrário, um movimento incontrolado. Não se pode dizer: ‘quero tantos, não quero tantos’, não, aqueles que chegam suportando, se jogando no mar, que terminam por morrer no mar, não se sabe o que fazer, devemos salvá-los... E ele diz que o próximo grande evento de hoje é a migração. Nesse ponto um jornalista o critica fortemente, dizendo que no momento da queda do muro de Berlim, no fim da União Soviética, que esses são os grandes eventos da época. A migração, o que seria isso? E Eco responde que esses eventos a que estava se referindo, daqui a pouco não se falará mais. Se falará, ao contrário, por tanto tempo, ainda, da migração. Eco (1984) fala de Semiótica e Filosofia da Linguagem. E diz que as Semióticas específicas não podem prescindir da Filosofia. Quando escreve ‘Linguagem’, não quer dizer só o verbal, mas

diz da necessidade da Filosofia. Então, se pode fazer Semiótica da comida, Semiótica da escola, mas não se pode fazer Semiótica Geral sem fundação, sem Filosofia. Essa formação filosófica, porém, hoje, infelizmente se torna escassa. A palavra Filosofia significa crítica, capacidade de discussão, ciência rigorosa capaz de colocar em discussão inclusive a ciência exata e sua produção, tomada de consciência contra a ciência que pode se tornar perigosa para a humanidade.

Então, como estávamos dizendo, certo, a Semiótica traz os ecos de sua origem. A Semiótica nasceu como Semiologia, e onde nasceu como Semiologia? Digamos, na parte não inglesa da Europa, precisamente nasceu em Genebra, Suíça, com Saussure (2002). E Saussure (2002) é um linguista que, porém, compreendeu que a Linguística fazia parte de uma ciência mais ampla, e esse é o seu mérito.

Na Inglaterra havia John Locke (1999) que já havia usado o termo Semiótica, e depois, nos Estados Unidos, haverá Charles Sanders Peirce (1980; 2003) que primeiro fala de ‘Semeiótica’, depois fala de ‘Semiótica’. E, ainda, Charles Morris (2009), nos Estados Unidos, e depois Thomas Sebeok (1997; 2001), que é húngaro. No entanto não se chama ‘Sebeok’ (com o primeiro /e/ fechado), mas ‘Sebeok’ (tônica no primeiro /e/ que se torna /i/), porque assume a acentuação inglesa, e inclusive ele escreveu em inglês. Sebeok (1997; 2001), por sua volta, foi aluno de Charles Morris (2009).

A Semiologia foi identificada, por Saussure (2002), como uma ciência mais ampla, que compreende em si a Linguística. E o que é a Semiologia? A Semiologia é a ciência que se ocupa dos signos em geral, mas quais signos? Signos humanos, e ainda, como uma característica importante desses, signos que devem ser intencionais. Para Saussure (2002), um signo é tal se teve uma origem convencional, social, portanto, e se é usado pelos seres humanos intencionalmente. Também Freud (1974) usava a palavra signos, este também estudava signos, porém signos não intencionais, isto é, era muito atento a como alguém falava, e lhe interessava mais os signos que escapavam aos falantes do que aqueles que os falantes tinham sob controle. Portanto, mesmo um pequeno tremor das mãos, enquanto estamos falando, era objeto de atenção, mesmo ao enrubescer da pessoa, ou talvez o fato de que ela não consegue olhar nos nossos olhos enquanto fala alguma mentira. Mas esses, para Saussure (2002), não são signos. Então, o que é interessante é que Saussure (2002) coloca a Linguística dentro da Semiologia, portanto a Semiologia seria para ele uma ciência mais larga. Todavia, quando depois são consideradas todas as várias possíveis Semiologias, Saussure (2002) quando se referia às linguagens – como o Alfabeto Morse, a Língua de Libras – eram sempre

linguagens convencionais, linguagens que são usadas, como eu disse antes, intencionalmente.

É muito mais tarde que surgem semiologias direcionadas a objetos particulares, Semiologia disso, a Semiologia daquilo, a Semiologia de outra coisa, ou seja, as Semiologias específicas. Para nós é particularmente interessante, por exemplo, a Semiologia da Música, onde se trata de ter que lidar com uma linguagem não verbal. E, porém, o que se fez com a Semiologia da Música? Não foi possível desenvolvê-la, pelo simples fato de que os estudiosos tentaram tratar da música com as palavras, com as categorias da língua verbal. Um exemplo, apenas, neste momento, é a expressão “frase musical”. Tu usas a palavra ‘frase’ para falar de um conjunto, de uma totalidade particular no interior de uma produção musical. Que eu saiba, a Semiótica da Música que se realizou é mais aquela Semiologia da Música. E aquela mais fracassada; não se conseguiu realizá-la. Na Itália, que eu saiba, houve apenas uma cátedra de Semiótica da Música, e depois não houve mais.

O que acontece, porém? Acontece que há um outro caminho para além da Semiologia saussuriana, que é aquele, como podemos chamá-lo? Anglo-saxão? Inglês? Anglo-americano? O fato é que há a ‘Semiótica’. A Semiótica é uma coisa um pouco diferente, uma vez que toma em conta a linguagem verbal, sim, a toma bastante em conta, mas ao mesmo tempo sabe que existem sistemas sígnicos que não têm nada a ver com o verbal, ou têm a ver de modo muito relativo.

Portanto, é uma tradição que remonta a Locke (1999), já que a palavra Semiótica é usada pela primeira vez no *Tratado do Entendimento Humano*. Na Itália é conhecido como o *Tratado do Intelecto Humano*, mas a palavra correspondente a Intelecto deve ser traduzida como Entendimento, o entender humano. *Tratado do Entendimento Humano*, não do Intelecto, porque o intelecto é uma faculdade, enquanto ele está falando de uma modalidade de comportamento.

Marisol Barenco: também em português traduzimos Entendimento...

Augusto Ponzio: O entendimento humano. Então, o que acontece? Sucede que, por um lado há a Semiologia, agora pouco antes em conversa fizemos referência a Roland Barthes (2002), que usa o termo Semiologia. O seu seminário no *Collège d’Études*, onde ele desenvolveu o curso *Le neutre*, que fez parte de uma cátedra que se chama Semiologia da Literatura. Sob a Semiologia da Literatura ele desenvolveu um curso que

intitula *O neutro*. Que diferença há, então, entre Semiologia e Semiótica? A Semiologia é orientada em direção aos signos intencionais, naturalmente com Roland Barthes (2015) se desloca muito disso, já que Barthes (2015) é muito atento, ao contrário, ao não intencional. Ocupa-se, no *Collège de France*, no *Collège d'Études* onde ensina, do discurso amoroso. E o discurso amoroso é feito de sentimentos que eu domino, certo, mas sobretudo de sentimentos que, ao contrário, eu não controlo. Não posso decidir enamorar-me, ou decidir que não sinto mais nada.

Portanto, a Semiologia pouco a pouco se aproxima muito da Semiótica, é muito difícil, neste momento, distinguir semiólogos e semióticos. Roland Barthes (2015) é um exemplo forte disso, dessa posição, porque, em suma, a semiose é também algo que diz respeito à tomada de consciência. Então, um ponto importante de distinção para que se possa precisar os conceitos foi dado por um discípulo de Charles Morris (2009), isto é, Sebeok (1997; 2001). Morris (2009) foi influenciado pela filosofia de Peirce (1980; 2003). Aqui deve ser dito que Locke era filósofo; e deve ser dito que Peirce (1980; 2003) era filósofo; também deve ser dito que Morris (2009) era filósofo, não um linguista como Saussure (2002). Portanto, aqui há uma outra matriz, e esta é a da Filosofia. Em relação à ciência, para usar um termo de Husserl (1984), essa visão filosófica é mais rigorosa. As ciências são 'exatas' (HUSSERL, 1984), a Linguística nessa perspectiva seria uma ciência exata, mas a Filosofia é uma 'ciência rigorosa'.

E então, a partir dessa perspectiva filosófica, nos damos conta de que os signos não dizem respeito somente ao ser humano, mas dizem respeito a qualquer ser vivo. Normalmente há uma exaltação do humano quando se pensa, e podemos chamar essa posição de antropomorfismo, antropocentrismo, ou seja, o homem está no centro do universo. Junto a isso, há também um glotocentrismo, a língua verbal estaria no centro. Porém, em relação a essa outra matriz da ciência dos signos, a Semiótica, há a vantagem de essa estar ligada à Filosofia, tendo um olhar muito mais amplo do que poderia haver em uma ciência particular e setorial, como é essa da Linguística. Portanto, não é a partir da Linguística que se deve pensar amplamente, mas é preciso aprender a 'olhar' como são as coisas.

Porque os signos não são somente humanos. Os signos não são somente aqueles intencionais. Onde há vida, há signos; qualquer ser vivo, no nível macroscópico ou no nível microscópico entra em um processo semiótico, processo esse que se torna algo de vital. São processos de tradução, e se tu traduzes mal o signo que te oferece o teu organismo, como por exemplo, 'precisamos comer, estamos famintos!', se tu interpretas

mal o signo da fome, ou até mesmo se o interpretas, mas não podes satisfazê-lo, não podes traduzir esse signo na comida que te deixe bem, que mate tua fome, se não podes fazer isso, o teu organismo não conseguirá sobreviver.

Qualquer ser vivo vive porque sabe interpretar, cada um a seu modo, os signos. Existe em nós o aparato de controle imunológico, o sistema imunológico, que todos possuímos. O sistema imunitário te defende muitas vezes, e se na tua espécie, na tua genealogia há alguém que contraiu a tuberculose, o teu sistema imunológico agora a reconhece enquanto um inimigo, e não permite que entre no teu organismo. Por isso existem zonas em que existe a tuberculose, que são zonas em que o sistema imunológico não se organizou de maneira tal, seja porque faltem vacinas, seja por experiências vividas. É conhecido o fato de que um meio para assassinar os povos indígenas do continente americano era presenteá-los com cobertas infectadas com aquelas doenças que, para os europeus, eram já doenças infantis, como o sarampo e a catapora. Mas presentear uma coberta infectada foi feito, infelizmente o homem é capaz de tantas coisas...

Nós vivemos de signos, se agora, por exemplo, eu posso falar e tu podes escutar, isso depende do quê? Que estejamos bem, que nosso sistema imunológico esteve funcionando, que não temos alergias, que não há ninguém tossindo etc. Então, nada de antropocentrismo, nada de glotocentrismo, foram eliminados enquanto preconceitos pela Semiótica, que também operou o alargamento da semiose até fazer com que essa se cole, com que essa coincida com a vida. Vida e semiose são a mesma coisa. A Semiótica operou um alargamento até considerar a tradução como vital; todos os seres vivos interpretam e traduzem, e a vida depende de se a tradução é feita de modo adequado ou se é feita mal.

A esse ponto a Semiótica se torna Semiótica Global. Isso foi defendido por Thomas Sebeok (1997; 2001), e a Semiótica Global diz respeito à semiose própria de todo e de cada ser vivo. Que diferença há entre qualquer ser vivo e um ser humano? Um ser humano é capaz de usar os signos sobre os signos, como falávamos antes, de refletir sobre os signos. ‘Pare o carro que devo refletir!’ Essa capacidade de reflexão envolve que a ação decidida por alguém é uma ação consciente, é uma ação que nasce de um cálculo. Isso envolve também, eu dizia antes, do homem, a responsabilidade.

Portanto, existe a zoessemiose ao lado da fitossemiose, que é a semiose das plantas, a micossemiose, que é a semiose dos fungos, depois há outras espécies, por exemplo as medusas, que não pertencem nem aos fungos, nem às plantas. O fato é que

no interior da zoessemiose há a antropossemiose. O homem tem essa característica, que é a de ser capaz de usar os signos sobre os signos. Essa capacidade o torna diverso dos outros seres vivos, e o torna responsável: responsável por tudo aquilo que tem vida. Responsável por tudo aquilo que acontece neste planeta. Se me conscientizo disso, se é compreendido essa característica do ser humano, que mudança! De outro modo devemos apenas nos vangloriar de sermos, enquanto humanos, os seres mais inteligentes... E, sim, somos bravos, mas a questão é que somos responsáveis. Muito capazes de lidar com os signos, porém devemos colocar em consideração o que faz bem e o que faz mal à vida, não só à tua, não somente aos outros teus semelhantes, mas à vida sobre todo o planeta, também à vida da natureza, a vida a nível ecológico.

Marisol Barenco: Diferentes tipos de linguagem demandam semióticas diversas? Poderia falar um pouco da semiótica dos textos imagéticos e, um grande desafio, da semiótica das artes não figurativas?

Susan Petrilli: No contexto desse discurso, é muito importante a questão da tradução, que vem sendo tomada como tradução intersemiótica, ou seja, é justamente no âmbito da tradução que finalmente teóricos estão ampliando o olhar, e os teóricos da tradução compreendem a importância da Semiótica, como Augusto a descreveu, ou seja, a Semiótica Global, e se dão conta de que a tradução não é somente a passagem de uma língua a uma outra língua, embora essa passagem seja possível graças à semiose geral que é feita de traduções e que envolve todos os tipos de signos. Então hoje nos damos conta de que mesmo quando se traduz de uma língua verbal a uma outra língua verbal, esses são dois pontos extremos, duas abstrações, dois pontos de chegada a respeito da complexidade, da multiplicidade da semiose enquanto feita de tantos tipos de signos, que os signos verbais, as línguas, pressupõem. Isto é, as línguas não existem por si, as línguas não podem desenvolver-se por si sós.

Augusto Ponzio: Aqui na nossa sala há uma coisa que me ajuda a pensar, e que são as plantas. Mas sem a água e sem a espiral de luz as plantas não poderiam estar aqui dentro. Agora, o que é a vida de uma planta? É uma tradução: traduz a luz em energia que se torna alimentação, traduz a água em alimentação. A planta é de pouca pretensão, o que lhe basta? A luz, e a água, e vive muito bem, de água e de luz, porque a sua tradução consiste na fotossíntese, a tradução da luz em vida, em alimento.

Depois há os animais que também traduzem, se trata de traduções mais complexas, mas entre o estímulo da fome e a satisfação da fome não há outra coisa senão um processo de tradução. Se algum animal não consegue compreender que tem fome, ou que há algum tipo de fome enquanto patologia psíquica, por exemplo, o anoréxico que não quer nunca traduzir esse estímulo que sente em alimento, ele se recusa. Então é um mau tradutor, ou um tradutor que não quer mais traduzir. Mas há situações outras, ao contrário, em que tu sabes traduzir muito bem, entendeu muito bem que tens fome, estás morrendo de fome, mas não há comida. E quantos lugares no mundo atualmente estão nessa situação, em que as pessoas sabem traduzir bem, sabem compreender muito bem que há fome e, porém, a comida não existe. E quando isso acontece com um adulto, é um adulto. Quando acontece a um velho, é um velho. Mas quando acontece com uma criança, a coisa é gravíssima, a mãe sabe muito bem que aquela criança está morrendo de fome, e o que fazer? Este é o mundo, assim como é, do qual é preciso tomar consciência, sobretudo se tu fazes Semiótica.

Então, a Semiótica não se ocupa somente da tradução de uma língua a outra, não se ocupa somente, no interior de uma língua, da tradução entre uma linguagem e outra linguagem, por exemplo traduzir a linguagem de um médico para a linguagem ordinária, entender o que encontrou o médico quando vou consultá-lo, não é só isso. O problema da humanidade hoje é traduzir aquilo que permite a vida. Isso a Semiótica Global de Thomas Sebeok (2001) declarou bem. Declarou que hoje não podemos mais fingir que a Semiótica seja uma ciência setorial. A Semiótica é uma ciência global, que se ocupa da coincidência entre semiose e vida. A semiose humana é apenas uma partícula, uma parte no interior da Semiótica, pela qual a Linguística, que era considerada a ciência guia, agora aparece como uma coisa muito particular. E quando a Linguística quer dizer para a Semiótica da Música como esta deve se comportar, não consegue, porque a linguagem verbal é uma coisa e a linguagem musical é totalmente outra coisa.

Susan Petrilli: Dissemos da Semiótica Global de Sebeok (2001), devemos citar também a perspectiva de Jakobson (1978), semiótico e também teórico linguista, teórico da tradução, que teoriza a tradução intralingual, no interior dos signos verbais, da língua, e interlingual, tradução entre línguas, intersemiótica, é ele que introduz o termo ‘intersemiótica’. Porém, quando ele fala de tradução intersemiótica ele diz: ‘do verbal ao não verbal, do não verbal ao verbal’. Portanto, há sempre uma tendência

glotocêntrica. Ao contrário, hoje, como eu dizia antes, quando se fala de tradução intersemiótica a partir de Sebeok (2001), se compreende sempre mais que a língua não tem nada que ver com isso, não deve aflorar necessariamente em superfície.

Augusto Ponzio: Há diversos tipos de linguagem: a semiótica de texto imagético é o grande desafio da Semiótica das Artes não figurativas. Então, tomemos a música e tomemos a Linguística. Houve uma busca por aplicar os termos da Linguística para compreender como funciona a música. E foi um fracasso. Como funcionam, ao contrário, as coisas? É a música que pode dizer algo, não que tu, linguista, podes dizer algo sobre a música. Mas tu, que fazes Semiótica da Música, deve haver sugestões, e o semiótico deveria aprender da Música como comportar-se. Então, a linguagem mais recalcitrante, que não quer saber de Semiótica, é a linguagem musical, aquela linguagem mais rebelde. Agora, é justamente dessa rebeldia que se deve partir, pois se a Semiótica consegue fazer a Semiótica da Música, em suma, quer dizer que pode também lançar-se em nível geral sobre outras linguagens.

E o que caracteriza a Semiótica? O que caracteriza a Música, em particular? O que se pode fazer com a Música, o que se pode fazer? Se pode somente escutar. Sim, se pode também dançar com a música, mas se não sabes escutar, dançarás muito mal. Deves seguir o ritmo, deves te colocar em relação com a música. Portanto, a música te ensina uma coisa importante: a escuta. E a escuta não é simplesmente a capacidade de ouvir, é a capacidade de se colocar em relação, e também de responder. E como se responde à música? Há a improvisação, no jazz; um músico toca um trecho e o outro responde com outro instrumento, responde. A improvisação no jazz é a capacidade de escuta, há um músico que está tocando o trompete, e um outro que responde com o piano, improvisando, e isso é extraordinário. Diferente de agora, em San Remo, não sei se há visto: havia tanta preparação, e nenhuma improvisação.

O que fazer, do ponto de vista da Semiótica, em relação com a Música? Assumir o que a Música te ensina: a escuta. Colocar-se à escuta dos signos, da variedade dos signos, e cada tipo de signo tem uma solicitação diversa de escuta. Portanto, isso já dissemos antes em outros lugares (PONZIO, 2007; 2011), a Semiótica deve se tornar musical. Se alguém se inscreve no Conservatório, a primeira coisa que o maestro do conservatório quer entender é se tu és musical ou não, se tens ouvido ou não, se tu és capaz de escuta ou não. E ele pode te dizer: ‘olha, para ti, é melhor que deixes o conservatório, porque tu não és musical, não tens escuta’.

Então, isso seria necessário dizer ao semiótico: ‘caro semiótico, sinto muito pelo senhor, mas o senhor foi recusado para compreender os signos, porque não é capaz de escuta’. Portanto, a Semiótica deve ser a ciência da escuta. Mas essa escuta não é simplesmente escuta para se vangloriar de ter um bom ouvido. Escutar significa também responder, portanto a Semiótica deve ser respondente, deve ser responsiva, deve ser responsável, são todas palavras próximas: responsiva, responsável, respondente. E o que isso significa? Que a semiótica deve se ocupar da vida, deve escutar e sentir a fome no mundo, deve escutar e sentir as plantas que estão morrendo, deve escutar e sentir a destruição da Floresta Amazônica, deve escutar e sentir que há crianças que morrem de fome, não porque não sabem traduzir, ou não querem traduzir. Todos esses devem ser problemas da Semiótica, que não se podem negligenciar se a Semiótica é Global.

Portanto, por mais que possa haver semióticas específicas, deve haver, também, uma Semiótica que nós chamamos Semioética (PETRILLI, 1998; PONZIO, 2001). E o que é a Semioética? É a Semiótica que se dá conta do fato de que estamos, gostem ou não, ligados. É verdade que agora entre mim e ti há essa distância. Depois, se há relações de cumplicidade entre duas pessoas, a distância diminui. Mas, apesar de todas as distâncias, há um emaranhado, um intrincado, há uma relação, uma ligação. Tanto é verdade que nos encontramos todos juntos, a nível planetário, na pan-demia, numa doença total. E de onde veio? Talvez da Ásia, e assim parece que se distancia, mas essa distância, atualmente, é mínima. Houve alguém que foi e retornou, e levou assim uma infecção. Então, somos unidos, somos ligados, se alguém está mal em algum lugar, não podemos estar bem em outro lugar.

Isso Emmanuel Levinas (2016) o diz com a palavra ‘ética’, que não tem nada a ver com a moral. Não é uma palavra que se refere à ética no sentido do comportamento moral. ‘Ética’, diz Levinas, ‘chamo ética os intrincados indissolúveis que nos unem a um outro’. Mas não somente tu e eu, e os outros humanos, mas todos os seres vivos. Se há uma parte de floresta que morre, uma referência a ti, já que a tua proveniência é o Brasil, então, se há uma parte do planeta Terra que morre, resente todo o planeta. Quando desflorestamos a Amazônia, alguém pode dizer: ‘mas veja, quantas árvores há, certo, enriquecemos, temos lucro’, mas o lucro é destrutivo da vida. Então a Semiótica deveria salvaguardar a vida, expondo-se de maneira muito forte e crítica, confrontando quem, pelo lucro, destrói.

Hoje estamos na globalização, mas a produção e o lucro nunca são globais. Os empreendedores, de fato aquele que foi até a Ásia era um empreendedor, que foi até a

China e retornou, quem vai e vem? Quem há interesse atualmente pela via da comunicação? Depois também há os oleodutos, uma indústria de oleodutos, de gasodutos, e basta uma guerra, como essa da Rússia contra a Ucrânia, e se bloqueiam os oleodutos. Portanto, há atualmente uma comunicação global sobre o planeta, e isso significa que estamos todos compreendidos e envolvidos.

Semioética, portanto, por que a chamamos assim? Não porque queremos fazer moral, mas porque ética, como disse Levinas (2016), significa intrincado, emaranhado, ligação, impossibilidade de dizer a mim que algo não me diz respeito, que eu não tenho nada com isso, eu sou imune, eu não faço parte disso. Essa situação de cumplicidade, de envolvimento, essa situação de responsabilidade implica que a Semiótica não pode ser simplesmente descritiva. A Semiótica deve tomar posição, deve ser crítica. A Semiótica deve sujar as mãos, colocando-se à disposição de quem, sobre este planeta, está mal. A pandemia nos fez compreender o quanto estamos unidos e ligados, mas enquanto estamos compreendendo isso, estamos finalmente entendendo que se tu estás mal, estou mal também eu, eis que explode a guerra, esta em particular entre a Rússia e Ucrânia. Ninguém sequer usa a palavra ‘guerra’, isto é interessante, como é chamada? Operação militar especial. Conseguiram dizer que a guerra pode ser também justa e necessária. Conseguiram falar mesmo de ‘guerra preventiva’. Preventiva em relação a quê? Quer a paz? Então faz a guerra! E para evitar a guerra? Faz a guerra! Ajuda humanitária, por exemplo, a guerra como ajuda humanitária... A guerra como exportação da liberdade e da democracia.

Agora, a Semioética tem uma dupla responsabilidade, porque já como humanos somos responsáveis pelo planeta, mas o semiótico e, portanto, aquele tem uma consciência maior enquanto tal de como estão as coisas, tem maior responsabilidade. Nessa fase desumana em que se faz a guerra à guerra, na qual há a intervenção chamada ‘guerra ao terrorismo’ – uma outra expressão: guerra humanitária – nesse ponto a Semiótica deve tomar uma posição que não é de simples pacifismo, mas de consciente demanda de tomada de consciência de como somos ligados, como somos interdependentes, como existimos em uma situação na qual se tu estás mal, estou mal também eu, antes ou depois, mas seguramente.

Então, uma tomada de posição forte da parte da Semiótica é a de recuperar a sua origem filosófica. A Filosofia, como ciência rigorosa deve tomar posição mesmo diante das ciências exatas, quando essas, para realizarem lucro, se tornam ciências perigosíssimas, como aquelas que desenvolveram nada menos que a bomba atômica, a

indústria bélica. Neste ponto, o que se torna a Semiótica? Certo, tu podes fazer a Semiótica da massa seca, pode fazer a Semiótica de pequenas coisas, mas deve ser dito que a Semiótica deve assumir-se na sua responsabilidade filosófica. Portanto, não é que a Semiótica seja Filosofia, não é simplesmente para que o semiótico se faça conhecer como filósofo, não é isso. É para dizer que a Semiótica deve se responsabilizar, que a Semiótica deve tomar posição, que a Semiótica deve ser rigorosa. Rigorosa significa capaz também de crítica, de discussão, de inquietar-se contra aqueles que estão destruindo o planeta.

Susan Petrilli: Também dialógica, é importante, porque em suma, na visão de Augusto Ponzio (2011) se encontra a Semiótica Global, que fala com a Biologia, se torna Biossemiótica, ou seja, um diálogo entre a Semiótica, Linguística, Filosofia e as Ciências da Vida. Aqui, eu diria, está uma síntese de Semiótica Global, em Sebeok (1997), de Filosofia em Levinas (2016), de Filosofia da Linguagem e Semiótica em Bakhtin (2003). Agora, quando se fala dessa situação global de intrico, estão todas essas vozes dentro dessa visão. Sebeok (1997) veio a Bari diversas vezes, me recorde de sempre escutá-lo falando da comunicação, ele diz que nós somos todos ligados no nível de uma comunicação a nível planetário. De que se tratava? Estamos todos ligados, há uma situação de inevitável e inextricável interconexão e interdependência. Sebeok (1997) também interpretava outros autores como Maturana e Varela (1980), que falavam de dialogismo na realidade, como também de Jakob von Uexküll (1967), biólogo húngaro. Mas essa visão das coisas, a seguir, teve um desenvolvimento através e com Levinas (2016) e Bakhtin (2003), que também falam dessa situação de inextricabilidade.

Augusto Ponzio: Há Bakhtin, que é o teórico do diálogo, ele diz que o diálogo é fundamental, a escuta, em suma, tudo o que dissemos. Porém, não é somente o diálogo entre mim e ti. Ele diz que a vida é dialógica, isto é, se a vida funciona, se a vida continua a ser vida, é porque há um diálogo, há uma correspondência, e porque há uma tradução. E o que é a tradução, senão um diálogo? Tu me disseste algo de um certo modo, e eu te digo algo outra vez, te respondendo em outro certo modo, sempre de modo respondente. Portanto, Bakhtin (2003), do seu ponto de vista, e usando a sua terminologia, ele que foi o teórico do diálogo, disse que a vida é dialógica, e está dizendo a mesma coisa que Levinas (2016), quando fala de intrico, está dizendo a

mesma coisa de Sebeok (2001), que diz que estamos todos interconectados. Agora a Semiótica é essa. Poderíamos dizer que a Semiótica deve se tornar musical, colocando-se à escuta, fazendo aquilo que faz aquele que toca, aquele que é o maestro de música, aquele que toca o violino, que é colocar-se à escuta. A música nos diz isso, e tomar o exemplo da natureza viva, da planta, que traduz a luz através da fotossíntese, em nutrição. E basta um pouco de água e um pouco de luz, e veja como estão belas as minhas plantas! A Semiótica não pode prescindir da Filosofia da Linguagem, e o que é aqui a Linguagem? Linguagem é aquilo que Sebeok (2001) chama ‘*language*’, que não é o falar. Uma coisa é falar, uma outra coisa é ‘*language*’, portanto isso não tem nada que ver com o verbal. O homem é dotado de linguagem, a sua capacidade de linguagem consiste em tomar consciência, e é a capacidade de modificar as coisas: primeiro estava de quatro patas, depois em duas, muda sua capacidade de habitar, primeiro habita a caverna, depois constrói palafitas etc. O problema atual é o de construir edifícios que não caiam, por exemplo, pois se houver um terremoto o edifício deve ser flexível, não deve desabar.

A linguagem é uma coisa fundamental, está na base da tomada de consciência. O homem, dotado de linguagem, se manifesta através da sua capacidade de metassemiiose, de semiótico, é um animal semiótico. Mas a Semiótica não pode limitar-se a fazer a semiótica de coisas particulares. A Semiótica deve estar empenhada de maneira forte e clara, como ciência rigorosa, portanto como Filosofia, para fazer a vida estar bem. Também tomando posição contra aqueles que, por lucro, são capazes de passar sobre o cadáver dos outros.

Referências bibliográficas

- BAKHTIN, M. *Linguaggio e scrittura*. Introd. A. Ponzio, trad. L. Ponzio. Meltemi: Roma, 2003.
- BARTHES, R. *Le Neutre*, Cours et séminaires au Collège de France (1977-78). Cura T. Clerc. Seuil: Parigi, 2002.
- BARTHES, R. *Le discours amoureux*. Séminaire 1974-1976, Il discorso amoroso, Seminario all’École pratique des hautes études 1974-1978, seguito da Frammenti di un discorso amoroso inediti. Trad. e cura A. Ponzio. Mimesis: Milano, 2015.
- ECO, U. *Semiotica e filosofia del linguaggio*. Einaudi: Torino, 1984.
- FREUD, S. Significato opposto delle parole primordiali. Trad. di E. Luserno. In: FREUD, S. *Opere, 1909-1912*, vol. 6. Boringhieri: Torino, 1974. p. 183-191.

- HJELMSLEV, L. *Omkring sprogteoriens grundlaeggelse*. Trad. it. G. C. Lepschy. Torino: Einaudi, 1968.
- HUSSERL. *Sulla logica dei segni. Semiotica*. In: HUSSERL. *Semiotica*. Introd. C. Sini, trad. it. e cura C. Di Martino. Spirali: Milano 1984. p. 62-96.
- JAKOBSON, R. *Lo sviluppo della semiotica*. Introd. U. Eco. Bompiani; Milano, 1978.
- LEVINAS, E. *Totalité et infini*. Trad. it. A. Dell'Asta, introd. S. Petrosino. Jaca Book: Milano, 2016.
- LOCKE, J. *Os pensadores*. Ensaio acerca do entendimento humano. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999.
- MATURANA, H.; VARELA, F. *Autopoiesis and Cognition: The Realization of the Living*. D. Reidel: Dordrecht, 1980.
- MORRIS, C. *Lineamenti di una teoria dei segni*. Nuova ed. Pensa Multimedia: Lecce, 2009.
- MORRIS, C. *Writings on the General Theory of Signs*. Mouton: L'Aia-Parigi, 1971.
- PEIRCE, C. S. *Semiotica*. Einaudi: Milano, 1980.
- PEIRCE, C. S. *Opere*. Bompiani: Milano, 2003.
- PETRILLI, S. *Significs, semiotica, significazione*, Adriatica: Bari, 1988.
- PONZIO, A. *Linguistica generale, scrittura letteraria e traduzione*. Guerra Edizioni: Perugia, 2007.
- PONZIO, A. *La filosofia del linguaggio*, Edizioni Laterza: Bari, 2011.
- PONZIO, A. *Sebeok and the Signs of Life*, Icon Books: Londra, 2001.
- SAUSSURE (De), F., *Corso di linguistica generale*. Trad. it. T. De Mauro. 5a ed. Laterza: Roma-Bari 1978, 2002
- SEBEEK, T. *Global Semiotics*. In: Vth International Congress of the International Association for Semiotic Studies, 1997, Berlino. *Global Semiotics*. Berlino, Mouton de Gruyter, 1997.
- SEBEEK, T. *Global semiotics*, Bloomington: Indiana University Press, 2001.
- UEXKÜLL, J. von. *Ambiente e comportamento*. Introd. F. Mondella. Il Saggiatore: Milano, 1967.
- UEXKÜLL, J. von *Theoretische Biologie* [1928], Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1973.